

10 mandamentos da
ARQUITETURA

Frederico de Holanda

NOTA

Aqui estão a *Apresentação*, o *Prefácio* (Ruth Verde Zein), o *Sumário*, e os *enunciados dos mandamentos* do meu livro recente *10 Mandamentos da Arquitetura*, publicado por FRBH em novembro de 2013. Incluo as ilustrações que abrem cada capítulo (“mandamento”).

A referência bibliográfica completa é:

HOLANDA, Frederico de. *10 Mandamentos da Arquitetura*. Brasília: FRBH, 2013.

Para mais informações, por favor visitem:

www.fredericodeholanda.com.br

Brasília, 2 de outubro de 2014

Frederico de Holanda

APRESENTAÇÃO

Encontrei Julienne Hanson pela primeira vez em 1976, quando de meu mestrado em Londres. Além de partícipe constante dos seminários, ela dava aulas na disciplina *Spatial morphology* [Morfologia espacial], ministrada principalmente por Bill Hillier. Em 1984 eles publicaram em coautoria o livro fundador da Teoria da Lógica Social do Espaço (ou Teoria da Sintaxe Espacial): *The social logic of space*.

Sempre admirei em Julienne a clareza, a leveza e o humor de suas exposições orais e o rigor e a elegância de seus escritos, exemplificados à excelência no livro *Decoding homes and houses* (Decodificando casas e lares, 1998). Em algum momento dos anos 1990, deparei com um texto seu, de novembro de 1988: *The ten commandments (for writing academic papers)* [Os dez mandamentos (para escrever textos acadêmicos)]. Ignoro se foi publicado em papel, mas está disponível na rede mundial de computadores.¹ O texto orienta aprendizes de pesquisador (a) na arte de escrever textos de reflexão acadêmica. Em dez tópicos e poucas páginas, ela sintetiza questões de fundo e de forma: introdução ao tema, formulação das questões, economia de ideias, revisão crítica de quem as tratou, apresentação objetiva das reflexões antes de sua respectiva avaliação, referência à realidade empírica etc. Foi amor à primeira vista. Doravante, distribuí-o aos meus alunos no primeiro dia de aula a cada semestre.

Em 2005, fui Professor Visitante no *Instituto Tecnológico de Estudios Superiores de Monterrey* (ITESM), Campus Querétaro, México, quando ofereci uma disciplina teórica de conteúdo similar à matéria *Espaço e organização social*, que ministrei no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (PPG-FAU/UnB). Ao final do semestre, ocorreu-me encerrar o curso com um resumo do conteúdo. O resultado não poderia ser outro: inspirado nos mandamentos de Julienne, reuni a visão de arquitetura nos tópicos denominados *Dez mandamentos da arquitetura*.

Calibrados, revistos, atualizados a cada semestre, passei a encerrar minha disciplina no PPG-FAU da mesma maneira. Os *mandamentos* focam as questões mais controversas do

¹ HANSON, Julienne. *The ten commandments (for writing academic papers)*. Disponível em: <http://eden.dei.uc.pt/~jcardoso/ForStudents/WritingPaper.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2012. Gratidão a Julienne por permitir a publicação de minha tradução para o português, neste livro (*Anexo I*).

curso: diversos modos de produção da arquitetura e suas implicações sociais; uso do conhecimento histórico; teorias do conhecimento e como elas interferem na pesquisa; a questão do conhecimento *objetivo* e as “etiquetas” epistemológicas; relações entre arquitetura e comportamentos sociais; interesses sociais conflitantes e suas relações com a configuração de edifícios e cidades; distinção entre o *fato* produzido e a *intenção* por trás dele; arquitetura e concepção de *lugar*; dois tipos de implicações da arquitetura – as *sintáticas* (implícitas à configuração) e as *semânticas* (convencionais, circunstanciais e históricas) etc. Este livro expõe a visão em que se encontram as ideias.

Contudo, não é um livro-texto do curso. É menos e mais, concomitantemente. Um livro e um curso presencial são formas distintas de registro e transmissão do conhecimento. É menos que o curso porque este se desenvolve em sessenta horas de encontros face a face – ricas oficinas de especulações; é mais porque 1) explicita ideias contidas na bibliografia do curso, à qual os alunos são remetidos, cuja leitura é tomada como pressuposto (lá, mas não aqui) e 2) incorpora resultados de pesquisas que se desenvolveram em paralelo ou depois das edições do curso, inclusive a última.

O livro não segue sisudas regras acadêmicas – pormenorizadas citações de autores e obras, proliferação de notas etc. Procuro redigi-lo numa espécie de conversa com o leitor, em linguagem acessível, sem utilizar jargão profissional ou científico, entretanto com a precisão e a profundidade desejáveis mesmo numa obra introdutória: ele visa primordialmente ao público leigo e aos calouros de arquitetura – *a arte do espaço*. Inscreve-se, portanto, entre obras de “divulgação científica”. Atenção primeira para com o público leigo, sim, mas de forma que arquitetos, professores e pesquisadores da área e de áreas afins não o sintam banal, mas provocativo – pelas ideias contidas e pela maneira de examiná-las. Como é da tradição, leituras complementares são sugeridas para aprofundar o assunto, ao final do livro.

Não há um debate aprofundado de *teorias*: elas recuam para o fundo do palco, embora por vezes sejam comentadas. Na boca de cena estão *aplicações* das teorias, no afã de, por meio de exemplos, discutir o conceito de arquitetura e as implicações correlatas. Para uma discussão crítica das teorias que subjazem à discussão você é remetido às leituras complementares.

Decerto, não é um esforço original. Pertence à linha das coleções “primeiros passos”, “uma introdução a...”, “que sei sobre...”, “o que é...?”, mas contrasta com elas em tamanho: não tive tempo de escrever menos... Uma busca na rede mundial de computadores revelará obras similares sobre o assunto, de autores brasileiros e estrangeiros. Entretanto, a discussão sobre qualquer tema não se esgota, o conhecimento não para, o mundo se transforma, ideias são eternamente revisitáveis. Mormente em questões controversas.

Alguns textos dos *mandamentos* são inéditos, em parte ou no todo. Outros revisitam temas discutidos nos livros autorais, coletâneas ou artigos que publiquei. Outros ainda foram conhecidos na forma de comunicações em congressos acadêmicos ou similares, nem sempre publicados nos anais. As referências são feitas ao final, junto às leituras complementares sugeridas.

O livro seria outro sem o concurso de muitas pessoas – se é que existiria sem elas... Aqueles a quem o dedico: Julienne Hanson, que o inspirou, e meus alunos, sempre me instigando a novas elucubrações. Gunter Kohlsdorf e Maria Elaine Kohlsdorf, partícipes da fundação, trinta e tantos anos atrás, do nosso grupo de pesquisa DIMPU (*Dimensões morfológicas do processo de urbanização*), de onde surgiu a abordagem *aspectual* da arquitetura, aqui exposta resumidamente. Roberto de Holanda (meu irmão) e Irma de la Torre Lozano (sua mulher) que afetuosamente me acolheram na estadia mexicana, quando de minha licença sabática no Campus Querétaro, 2005. (Roberto contribuiu na redação da primeira versão dos *mandamentos*.) Agatha Bacelar, que me ajudou nos meandros do léxico do grego clássico. Cheila Aparecida Gomes e Fernando Portella Rosa pela ideia que deu origem ao *Mandamento 9* (sou reticente quanto a discursos metafóricos em textos científicos, mas aqui foi irresistível; eles usaram termos mais justos e ferinos, porém pruridos acadêmicos me impedem de replicá-los). Danilo Matoso Macedo e Elcio Gomes da Silva, por informações de pesquisas realizadas sobre a Esplanada dos Ministérios, a Praça dos Três Poderes, e seus edifícios, particularmente quanto a dimensões originais do projeto do Plano Piloto de Lucio Costa. Gabriel Jucá de Hollanda (meu irmão) por contribuir em questões epistemológicas. Pedro Cunha de Holanda (meu filho) pela colaboração no *Mandamento 10*, esclarecendo conceitos de seu campo disciplinar – a Física – tão abusada na teoria do conhecimento dita “pós-moderna”. Mariana Queiroz (sua mulher) por precisar distinções entre *ciência* e *ética*. Valério Medeiros, pelas contribuições metodológicas e

leituras perspicazes das cidades brasileiras e além-mares. Mônica Fiuza Gondim, pelas questões de mobilidade urbana. Andréia Ramos Pinheiro e Bruna da Cunha Kronenberger, alunas de graduação da FAU-UnB, que montaram as equipes de levantamento de campo relacionado a este projeto, coordenaram o trabalho e o realizaram com outros estudantes. Edja Trigueiro, pela leitura atenta do manuscrito, pelos erros detectados, e por preciosas sugestões, muitas incorporadas. Gabriela de Souza Tenorio, cuja amizade, agudeza de espírito e parcerias acadêmicas me gratificam há mais de vinte anos. Ruth Verde Zein, pelo belo e generoso *Prefácio*. Cecília Jucá de Hollanda (minha madrastra) por dar forma gráfica ao livro, com razão e sensibilidade. Rosa, minha mulher, afetuosa e sagaz primeira vítima das versões iniciais dos textos.

Quanto às instituições: CNPq/CAPES, que por meio da chamada N° 07/2011, forneceram os recursos necessários à realização da pesquisa e à publicação em livro dos resultados; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, que recentemente aprovou a criação do *Laboratório de Configuração Arquitetônica*, âmbito físico-institucional que doravante abrigará os trabalhos de pesquisa do nosso grupo; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-UnB, cujos alunos e colegas continuamente me estimulam a expor, desenvolver, transformar essas ideias.

Termino, como de praxe: sou o único responsável pelos erros e imprecisões que teimam em sobreviver.

Brasília, 1º de agosto de 2013.

Frederico de Holanda

Arquiteto, PhD

Professor de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Universidade de Brasília

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq

PREFÁCIO

Seria difícil, mas todos poderíamos viver sem assistir a um filme, apreciar uma pintura, escutar um concerto. Todas as artes são aparentemente opcionais – e tristemente, muitas pessoas ainda vivem sem poder delas desfrutar, como privilégio de sua humanidade. Mas nenhum de nós, em qualquer parte que seja, remota ou próxima do mundo, poderia viver sem a presença da arte da arquitetura. O habitat humano não é puramente natural, mas lugar construído, nem que seja um abrigo provisório de ramos para proteger da chuva tropical ou uns blocos de gelo arranjados em cúpula para se abrigar da neve polar. Plantas e animais têm, cada qual, seu habitat; o ser humano habita – e por isso pode engenhosamente produzir a condição para viver em qualquer parte, da Antártida ao Saara à Lua.

Entretanto, cada vez menos a arquitetura é socialmente considerada como uma das mais importantes facetas da vida e da criatividade humanas. Cada vez menos os seres humanos comuns – da pessoa anônima da rua aos líderes que decidem as condições da vida econômica, política e social das nações – são educados de maneira a poderem perceber o alto grau de complexidade envolvida em sua fatura, e quão amplo é o conhecimento das artes e técnicas necessário para realizá-la a contento, e mais ainda, com qualidade, perenidade e pertinência. De fato, muito se constrói: a construção sustenta economias, alavanca o bem-estar social, provê as facilidades do mundo e sua acessibilidade a todos; de fato, fortunas são aplicadas nos misteres inerentes à arquitetura. Mas infelizmente, no mais das vezes tudo isso ocorre aos trancos e barrancos, sem cuidado, sem carinho, sem gosto e sem amor – quando não com erros técnicos básicos, ocorrendo desde a simples casa às edificações luxuosas, em enganos tão absurdos quanto evitáveis. A arquitetura não se restringe à capacidade de se aplicar açodadamente um saber fazer técnico (e disso apenas extrair altos lucros): a arquitetura é isso, mas é também muito mais. E é esse plus que sobeja que faz com que ela plenamente seja.

Tudo isso pode ser fácil de perceber para aqueles de nós que consagramos nossas vidas à deusa Hestia. Mas está longe de ser apanágio do senso comum. Talvez, se alguma vez esse sentido houve, há sido esgarçado e está quase perdido. É necessário algo fazer a respeito – não apenas por amor à arquitetura, mas principalmente, por amor ao mundo, que merece ser tratado com respeito, e que seu exercício afeta.

Pois, parece-me que Frederico de Holanda resolveu dar uma resposta cabal a essa crucial questão. O livro que ora apresenta só poderia ter sido escrito por alguém que disponha, como ele, de uma vasta e ampla experiência da arquitetura. Mas o livro que agora propõe está muito longe de ser um tratado para excelsos especialistas. Ao contrário, é um prazer lê-lo, e o prazer é fundamental para que uma mensagem seja ouvida, aceita, compreendida e quem sabe um dia, posta em prática. E será um prazer sua leitura, seja quem o tome em mãos: um leigo, um jovem estudante, um profissional de qualquer outro ramo, um colega professor de arquitetura – e quem dera, os clientes, inclusive aqueles que decidem como se financia a aventura de dar casa para todos os que estão investidos das dignidades do poder e querem usá-la para promover o bem. Que ainda os há e haverá.

Fred passeia no seu livro pelo habitat humano de todos os tempos e lugares, de cada qual extraindo lições, sugestões, constatações, alertas. Quer entender a arquitetura como “campo de possibilidades”, sem esquecer que, se bem se possa tudo, nem tudo convém. Navega entre o detalhe e o geral, entre as suas preferências e idiossincrasias e o desejo de abrir horizontes além dos limites da experiência pessoal. E nessa viagem qualifica o que é arquitetura, como é, para que serve, como se aprecia, como se compreende, como se conhece.

Agrada-me o fato de que não esconde – pelo contrário, faz questão de revelar – quem são seus mestres: trata-se de um discurso referenciado e, portanto, relativamente parcial. É uma lição de vida para todos, ainda mais para os jovens acadêmicos que porventura virão a ler seu livro: nada provém do nada, ninguém cria o mundo isoladamente, estamos todos empenhados em dar prosseguimento à obra e à contribuição dos que nos precederam, e esse é o caminho certo para a construção de um mundo digno, tolerante, plural. Em geral são os totalitarismos opressores que gostam de fazer tábula rasa do mundo e das gentes para instaurarem sua própria e exclusiva ordem: morro de medo desses tais que se creem nascidos do nada para inventar o tudo, porque ou são perigosamente ingênuos ou engenhosamente perigosos. Nada disso é o livro de Fred. A partir de seus mestres, a quem homenageia e respeita, Fred vai mais além: abre horizontes novos e nos propõe uma leitura informativa e engajada.

Se bem que o engajamento seja, a meu ver, demonstração inequívoca de maturidade, certamente trará azo a debates variados, sempre e quando propostas e afirmações que

contém roçarem outras maneiras de ver o mundo ou de enxergar as questões densas e complexas que debate e propõe. Em outros termos: sendo informativo e substancioso, o livro é também, numa segunda leitura, potencialmente polêmico, assim como também são os grandes produtos artísticos da humanidade, pois só a mediocridade deixa o leitor morno. Neste livro Fred ensina, ajuíza, pondera, propõe, sugere, estabelece limites e abre perspectivas. Nada disso se faz sem estar bem posicionado, e qualquer posição estará sempre sujeita a revisões – especialmente quando sua lição já for aprendida e estivermos, jubilosamente, a caminho de coisas ainda melhores.

Enquanto isso – e retomando o raciocínio inicial – a penúria sobre o conhecimento da arquitetura, em nosso meio social, em nosso país – e pasmem, até mesmo em nossas instituições de ensino de arquitetura – é de tal ordem, que um livro da qualidade, pertinência, interesse – e porque não dizer, facilidade de leitura – como estes Dez Mandamentos da Arquitetura, é não só bem-vindo como altamente necessário. Para todos – e não apenas para arquitetos, feitos ou por fazer.

São Paulo, 31 de julho de 2013.

Ruth Verde Zein

Professora Doutora Arquiteta

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Universidade Presbiteriana Mackenzie

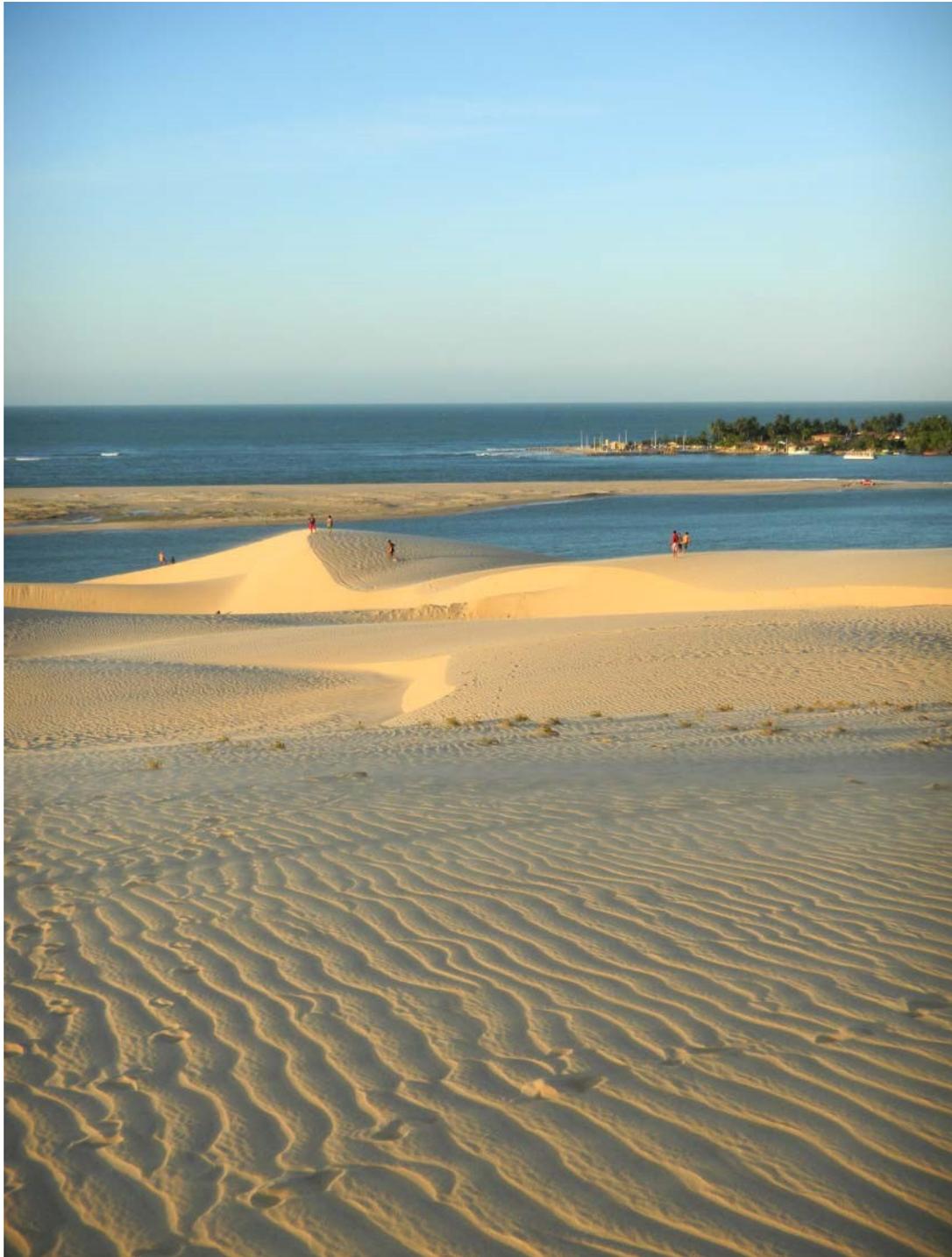
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq

Sumário

1. Veja na arquitetura uma *propriedade* dos lugares
2. Pense as *causas*
3. Pense os *efeitos*
4. Entenda a arquitetura como *possibilidades e restrições*
5. Leia na arquitetura *igualdades e desigualdades* sociais
6. Considere a *sintaxe* e a *semântica*
7. Cuide a *ordem* sem descuidar a *desordem*
8. Atente à *história*
9. Projete a cidade sem ombros ou costas – só *rostos*
10. Foque o conhecimento *objetivo*

ENUNCIADOS

1. Veja na arquitetura uma *propriedade* dos lugares



É uma propriedade de edifícios, conjuntos edificados, ruas, bairros, cidades, sítios naturais que afetam corpos e mentes.

2. Pense as *causas*



A arquitetura decorre de *determinações* do ambiente natural e do ambiente social. Ela *resulta disso*.

3. Pense os *efeitos*



A arquitetura tem *efeitos* no meio ambiente natural e nas pessoas. Ela *resulta nisso*.

4. Entenda a arquitetura como *possibilidades* e *restrições*



Pioneiros do Movimento Moderno tinham o sonho demiúrgico pelo qual a nova arquitetura determinaria a nova sociedade. Hoje somos mais modestos – e sensatos. Voltamos a atenção para as *possibilidades* e as *restrições* da arquitetura e como elas interferem em nossas vidas.

5. Leia na arquitetura *igualdades e desigualdades* sociais



A arquitetura reflete igualdades ou desigualdades sociais, contradições e conflitos e contribui para sua reprodução. Implica diferenças de poder entre gêneros, gerações, patrões, empregados e visitantes, no espaço doméstico; alunos, professores e funcionários, na escola; patrões, administradores e operários, na fábrica; classes sociais, na cidade.

6. Considere a *sintaxe* e a *semântica*



A arquitetura tem implicações *sintáticas*, contidas na própria configuração dos lugares. Independentemente de tempo, lugar e sujeitos envolvidos, mantida a configuração, mantêm-se as implicações, porque *intrínsecas* a ela.

A arquitetura tem implicações *semânticas*, sobrepostas à configuração, que *dependem da sociedade como um todo*, de grupos, ou até de indivíduos. São *convencionais e históricas*, mudam no tempo, mesmo *mantida a configuração do lugar*.

7. Cuide a *ordem* sem descuidar a *desordem*



Ordem diz respeito a relações entre elementos. Há vários *tipos* de Ordem. Desordem é *bagunça*, quando não há satisfação de expectativas humanas. Mas é também *inovação*: mutação que prefigura valores, ideias, costumes em gestação nas *fissuras* da ordem dominante; e também *regressão*: volta a um passado mítico.

8. Atente à *história*



A maioria do pensamento *teórico e histórico* em arquitetura dá, paradoxalmente, pouca atenção à *história*. Sem um conhecimento de *muito longo prazo* somos presas fáceis da *ideologia dominante*. Considere o espectro que vai da “arquitetura de grife” à arquitetura popular produzida por sujeitos anônimos, em todos os tempos e lugares.

9. Projete a cidade sem *ombros* ou *costas* – só *rostos*



A história das cidades nos últimos duzentos anos é a história da erosão do espaço público. Para este, edifícios voltavam apenas fachadas frontais – *rostos*. Fachadas laterais – *ombros* – inexistiam pela contiguidade edilícia. Fachadas de fundo – *costas* – voltavam-se pudicamente para o miolo privado dos quarteirões, invisível das ruas.

9. Foque o conhecimento *objetivo*



Na teoria do conhecimento, a obsessão contemporânea é por “interpretações” de validade supostamente equivalente. Resultam absurdas falácias. A validação última de quaisquer teorias, de quaisquer pensadores, de quaisquer “escolas”, é: existe *evidência real*, no *mundo real*, que apoia as formulações teóricas?

(segue-se a primeira capa da primeira edição brasileira, em novembro de 2013)

10 mandamentos da ARQUITETURA

FREDERICO DE HOLANDA

Ordem
Desordem
Planejado
Espontâneo
História
Conhecimento
objetivo
Possibilidades
Restrições
Classe social
Conflito
Consenso
Intenção
Lugar
Sintaxe
Semântica
Epistemologia

Ordem
Desordem
Planejado
Espontâneo
História
Conhecimento
objetivo
Possibilidades
Restrições
Classe social
Conflito
Consenso
Intenção
Lugar
Sintaxe
Semântica
Epistemologia

